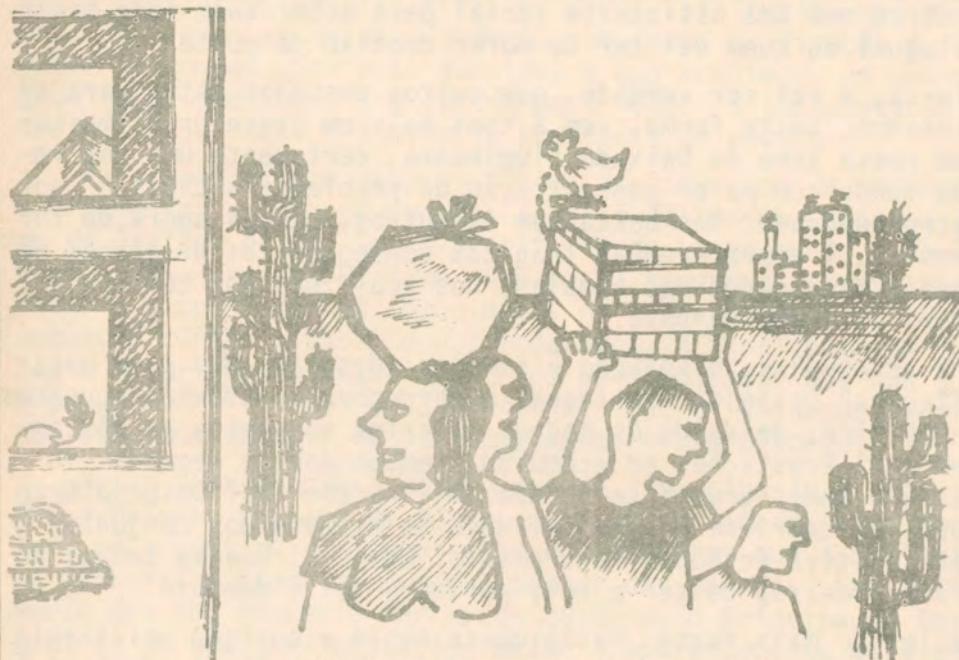


INFORMATIVO

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL
Rua Capitão Chaves, 60
26.000 - Nova Iguaçu, RJ.
Tel. (021) 767-0472

Ano 1 Nº 9
Maio /1978.



*** EDITORIAL ***

Os moradores do Conjunto Jardim Esplanada, em Nova Iguaçu-que estão sendo despejados pela Verba S.A., empresa do grupo Unibanco-reuniram-se ontem (JB.11/4/78) com o Dep. Florim Coutinho que lhes disse serem ilegais os mandatos judiciais por eles recebidos, por não terem timbre da Justiça, nomes do escrivão e do juiz e nome e matrícula do oficial de justiça que os entregou.

O advogado disse que os despejos estão sendo feitos de maneira arbitrária e violenta, pois a Lei manda que os móveis têm de ser levados por um caminhão, gratuitamente, para o local indicado pelo dono ou para depósito público. Em vez disso, estão sendo levados para um galpão distante. "Além disso", informou o Sr. Aris-

tóteles Oliveira, advogado dos moradores, "estão quebrando portas e janelas e destruindo pias, vasos sanitários e tanques".

Um dos casos de despejo é o do cobrador de ônibus Válter de Souza, aposentado pelo INPS por problemas cardíacos. Em 9 de março de 1977, ele comprou a chave da casa 244 por Cr\$22 mil e foi morar com a mulher, D. Déltia (deficiente física), a sogra de 89 anos e dois sobrinhos, de 5 e 10 anos: "Ganho Cr\$1.013 cruzeiros/ por mês e não posso nem arranjar biscoite. Os guardas contratados/ pelo Unibanco entram nas casas empurrando as portas com os pés , quebram todas as louças sanitárias e jogam os móveis na calçada . Não mandaram nem uma assistente social para saber quem pode pagar outro aluguel ou quem vai ter de morar debaixo da ponte".

Fala-se, e vai ser verdade, que outros despejos estão para serem açãoados. Desta forma, vem à tona mais um grave problema social, em nossa área da Baixada Fluminense, certamente uma das regiões do mundo com maior concentração de problemas sociais por quilômetro quadrado. Não bastasse os outros, começa agora, de forma intensiva, a aparecerem as trágicas consequências de planos habitacionais maquinados nas cúpulas, nos quais não foi computada a verdadeira situação do povo.

Para as cúpulas, a solução é simples: despejo! Não pode pagar as prestações? Despejo! Prestações e correções monetárias ocuparam a pole-position, deixando os magros salários na poeira da distância? Despejo! Prestações se acumulam, também porque segundas intenções de grandes grupos se recusaram a recebê-las? Despejo! Grandes grupos descobriram a possibilidade de repasse dos conjuntos , com a perspectiva de duplo faturamento? Despejo! Nestes tempos de força, a lei deixou de ser a lei, porque a lei é despejo!

É a lei do mais forte. Ratifica-se assim a posição privilegia da dos ricos e ignora-se o desespero dos pobres. Eis aonde leva a convivência social em que o dinheiro é arvorado e adorado como supremo deus. É até lógico: se o dinheiro é o supremo e único valor, todos os caminhos se tornam lícitos para chegar até ele. Não se pode então perder tempo em considerações de ordem moral. Solidariedade humana e compaixão dos pobres se tornam pecado, porque / são impedimentos no caminho que leva ao novo deus. A situação dos inquilinos tornou-se problema? Ora, resolve-se com a nova lógica: despeja-se!

Nesta Baixada Fluminense de tantos e tão sérios problemas, para não ficarmos apenas em denúncias vazias, nossa Diocese de Nova Iguaçu criou sua Comissão de Justiça e Paz. É constituída de al-

guns advogados, alguns professores e alguns padres. Dom Adriano é o presidente. A Comissão Diocesana de Justiça e Paz quer ser um instrumento de conscientização, de acompanhamento de casos e de denúncia profética, em situações em que esteja em jogo a justiça/ do Reino de Deus, que é o resumo de nossa fé cristã.

Os discursos oficiais toda vez enaltecem a paz social, como sendo a situação necessária para que haja o progresso de nossa Pátria. Como pode haver paz, se não houver justiça? Sem a justiça social, a paz que nasce é o silêncio temporário das massas esmagadas, espoliadas de seus direitos, inclusive de moradia. Podem clamar o contrário, *urbi et orbi*, os novos infalíveis, mas os caminhos que levam ao desenvolvimento vão todos na direção da justiça entre os homens. Sem esta justiça, o que acontece, em vez de verdadeiro progresso, é o que estamos vendo: a locupletação hiper-trofiada dos ricos e a miséria crescente do povo.

Para apontar com dedo profético as situações de desrespeito / aos direitos humanos é que foi constituída nossa Comissão Diocesana de Justiça e Paz. Nossa escritório de atendimento é no CEPAC, Rua Capitão Chaves, 60. Tome nota desse endereço, porque queremos/ estar à disposição das comunidades no trabalho pela justiça e na denúncia contra o esbulho dos indefesos. A finalidade da Comissão não é propriamente cuidar de casos particulares, aos quais também eventualmente daremos encaminhamento, mas de situações que atinjam as comunidades e grupos humanos de nossa Diocese.

Metas pretensiosas? Aparentemente sim, olhando a quantidade / dos problemas sociais de nossa área. Na realidade, não, porque a luta pela justiça vai na direção dos caminhos que a história humana procura, apesar das curvas, apesar das paradas. Sem falar naquele que nos reune: o Senhor da Justiça, o Príncipe da Paz, o Vitorioso em qualquer situação, mesmo a aparentemente mais desesperada e perdida. Aquele contra o qual, mais dia menos dia, todos os exploradores do irmão e opressores do povo vão quebrar a cara.

A criação da Comissão Diocesana de Justiça e Paz foi, certamente, um passo dado, em nossa Diocese, na direção de suas metas pastorais. Uma gota d'água num mar de problemas? Daí a necessidade de não ficarmos sozinhos e de contarmos com a colaboração de toda a Diocese. Aqui vai a primeira sugestão de nossa Comissão: / que, nas comunidades e nos bairros, surjam grupos que se reunam para refletir sobre a justiça e a paz entre os homens. Grupos de poucas pessoas, não faz diferença. Grupos que se interessem pelos

(Continua na página 6)

PUEBLA : TEMORES E ESPERANÇAS

É possível que você tenha ouvido este nome Puebla, porque ele começa a aparecer, com frequência, no noticiário religioso. É uma cidade do México, que se tornou falada, depois que entrou para a história de nossa Igreja, como sede da 3^a Conferência Geral dos Bispos da América Latina, a realizar-se no próximo mês de outubro.

A primeira conferência foi no Rio de Janeiro, em 1950, e a segunda em Madellin, cidade da Colômbia, em 1968. Quem convoca / estas assembléias dos bispos é o próprio Papa, e é também ele quem estabelece ou aprova o tema principal a ser estudado, como o de Puebla, que tratará da "evangelização no presente e no futuro da América Latina".

O secretariado do CELAM (Conferência Episcopal Latino-Americana) tem a tarefa de preparar a reunião de Puebla. Entre as muitas medidas, que tomou até agora, a que despertou maior debate e interesse foi a distribuição de um livro, de umas 300 páginas, chamado "Documento de Consulta". D. Adriano, como cada bispo, o recebeu, para estudar e apresentar sua opinião numa reunião dos Bispos do Brasil, em Itaici, São Paulo, nos dias 17 a 25 de Abril, em preparação de Puebla.

Convocou um Grupo de Trabalho, padres, religiosas e leigos, ao todo 35 pessoas, e pediu a assessoria de Frei Leonardo Boff, conhecido teólogo franciscano. O resultado lhe foi entregue num texto com a síntese dos pontos nos quais, segundo a opinião do Grupo de Trabalho, deveria insistir, na reunião dos bispos brasileiros, em Itaici, e em Puebla, caso fosse eleito como representante do Brasil.

Temores e Esperanças

Que podemos esperar dos bispos da América Latina, quando se reunem? Pelo menos que digam ou reafirmem, da maneira mais clara possível, qual deve ser a tarefa da Igreja no momento atual. Foi o que fizeram, em Medellin, em 1968. Após este importante encontro, ficou estabelecido que era urgente a Igreja, no exercício de sua missão ficar do lado dos interesses e necessidades do povo, desenvolver os grupos e comunidade de base, preparar os leigos para o exercício de funções e serviços que, no correr da história, os padres reservaram para si, com exclusividade, denun-

ciar as estruturas sociais injustas que colocam o povo à margem, sem vez nem voz.

E em Puebla? Os bispos manterão esta mesma linha ou recuarão?

O Documento de Consulta despertou mais temores do que esperanças. Segundo ele, o problema atual dos países latino-americanos é que estão realizando a passagem de uma sociedade urbana e rural a uma sociedade urbana e industrial. Nós, habitantes de Nova Iguaçu, seríamos os últimos a negá-lo, pois vivemos, em nossa própria pele, de maneira muito grave, esta passagem. Há 30 anos atrás, os lugares, onde se erguem nossas casas, eram extensos laranjais, e nós os moradores dessas mesmas casas estávamos ainda no interior do Estado do Rio, de Minas ou do Nordeste, cuidando de roças e criações. Estamos construindo a civilização urbana e industrial com as mesmas mãos, que ainda ontem puxavam encheda na plantação de milho ou de cana de açúcar.

Diz o Documento de Consulta, e com razão, que a sociedade / que estamos construindo é o capitalismo econômico, que visa o lucro, e é conduzida por tecnocratas, sem atenção para com a religião, os costumes e as tradições do povo. O cristianismo do povo não conta para o capitalismo econômico, porque não dá lucro.

Nestas condições, o papel da Igreja consistiria em salvar e proteger a religiosidade cristã dos povos latino-americanos. Se o conseguir, terá cumprido sua missão de pregar o Evangelho, e contribuído para a nova história que se constrói, porque, salvando a religião cristã do povo, manterá sua unidade ameaçada por graves/ conflitos sociais provocado pelo próprio capitalismo econômico / que acumula as riquezas nas mãos de poucos e deixa o povo à margem, oprimido e pobre.

Críticas

Ao ler esta proposta no Documento de Consulta os bispos não concordaram. Disseram que era vaga, pouco crítica, que era equilíbrista, fora da órbita de Medellin, falsamente consiliadora, ingênuas, etc. Segundo os críticos, entre os quais o Grupo de Trabalho de nossa diocese, o problema não é guardar a religiosidade católica dos povos da A. Latina, mas saber se a nova sociedade que se constrói corresponde ou não ao plano de Deus, e, se não corresponde, como, então, anunciar nela o Evangelho.

Não se pode cuidar da religião cristã do povo, preservá-la, desligada da situação de pobreza e marginalidade em que vive a

maior parte. Silenciar isto é tornar-se cúmplice da opressão. Aqui vale o ditado popular "quem cala consente". E o que os poderosos querem é justamente o silêncio da Igreja. Nossos povos são povos religiosos, bem ou mal, são cristãos, isto é, crêem que Deus é Pai de todos e que todos somos irmãos. Pois bem aí é que está o grande problema pastoral da América Latina. Como anunciar a um povo religioso e cristão, mas dividido em pobres e ricos, oprimidos e opressores, que Deus é Pai de todos e que todos somos irmãos?

-----//-----
=====
===== N O T I C I A =====



Em Assembléia Geral extraordinária realizada em Itaici, S.P.; do dia 18 à 25 de abril, foram eleitos os 37 deputados brasileiros à Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano a ser realizado em outubro, em Puebla, no México. Entre os eleitos está o nosso Bispo D. Adriano.

88888

..... ➤ (Continuação da página 3 - Editorial)

problemas sociais do bairro. Para finalizar, queremos dizer que esses grupos podem contar com nosso apoio.

Em qualquer bairro de nossa Diocese, em qualquer paróquia ou comunidade, quando surgir algum grupo interessado na Justiça e Paz, pode contar conosco, para visitá-lo, para ajudá-lo a refletir, para orientá-lo, se necessário, para fazer dele a extensão de nossa Comissão de Justiça e Paz.

E segredo público que novos despejos estão para vir. Situações de injustiça fervilham em nossa Baixada Fluminense. Reunamo-nos em grupos pela justiça porque, por mais armados, não há quem não tenha medo da verdade.

Não é o comunismo não, é a verdade a espinha de peixe que se atravessa na garganta dos exploradores do povo.

!!!

A DIOCESE SE REORGANIZA

Nova Iguaçu não quer ser uma diocese desorganizada e nem super-organizada. Quer a organização em vista de maior eficiência / no trabalho pastoral. E não é fácil acertas com a melhor organização numa região de explosão demográfica, com um crescimento anual de 12%, o que equivale a um aumento anual entre 120 a 130 mil habitantes.

No mes de janeiro, primeira reunião dos responsáveis de paróquia, após regressar de Roma, onde passou quase três meses, como membro do Sínodo dos Bispos, D. Adriano reuniu os responsáveis paroquiais, padres e freiras e lhes disse mais ou menos o seguinte:

"Em Roma, durante quase 3 meses, a distância foi para mim um tempo de reflexão sobre a diocese e minha função. Vi que não dou conta de acompanhar sua expansão, muito vertiginosa. Nossa população aumenta de 12% ao ano, por nascimento e imigração, o que significa cerca de 130.000 novos habitantes por ano. O bispo deve estar a serviço de toda a diocese. É esta sua tarefa. Ele recebe dons e carismas para isso, mas não quer dizer que deva animar e orientar sózinho, e todos sabem que eu nunca o fiz. Mas é preciso organizar melhor a cúpula da diocese, em vista mesmo das bases.

Não peço que me dêem auxiliares para diminuir meu trabalho, o que peço é a ajuda de vocês para complementar naquilo que é tarefa do bispo e que eu não posso fazer.

Alguém dirá: porque não peço bispos auxiliares? É que não tenho possibilidade de ver aprovados aqueles candidatos que eu apresentasse. Se apresentar alguém poderão me dar outro não afinado com a linha pastoral da diocese. Não há chance de ver aceito um nome que eu propuser.

O Vicariato IIº introduziu uma inovação diferente do bispo / auxiliar, e com a vantagem de ser mais maleável. Esta figura nova é a do vigário episcopal, que poderíamos instituir por áreas geográficas, com poderes delegados, pelo período de dois anos, para animar a pastoral e tomar iniciativas que visem a expansão da Igreja renovada nestas áreas.

Como disse, esta inovação não quero aliviar meu peso nem cortar ou diminuir o contato com as paróquias. Preciso deste contato para alimentar minha fé e meu entusiasmo pastoral. A introdução / dos vigários episcopais exigirá a reorganização dos órgãos de go-

verno e orientação pastoral de nível diocesano, e uma nova distri-
buição de funções. Quero que um Grupo de Trabalho estude estes 7
problemas".

Em seguida, D. Adriano submeteu sua proposta à votação tendo
sido aprovada por 43 dos presentes.

No dia 4 de abril, três meses depois, o clero dividido por
regiões pastorais, preparou três listas, com três candidatos a vi-
gário episcopal em cada uma delas, e as encaminhou ao Conselho 7
Presbiteral para a eleição das pessoas que Dom Adriano deveria no-
mear.

A indicação e a nomeação foram feitas no dia 11 de abril. Os
padres JOÃO DE NIJS, JAIME CLASEN e AGOSTINHO PRETO são os três /
novos primeiros vigários episcopais de Nova Iguaçu.

Terão como função principal, auxiliar o bispo na orientação e
concretização dos objetivos pastorais da diocese.



* 1º DE MAIO - UMA LUTA QUE CONTINUA *

Estamos novamente vivendo o 1º de MAIO. Será que sabemos o porque deste feriado? Qual o sentido deste dia? O que significa/ para os trabalhadores O DIA DO TRABALHO?

Em nossa Diocese, o dia 1º de maio, foi comemorado este ano, como nos anos anteriores, com um encontro de trabalhadores no Centro de Formação - Moquetá, com a presença de quase 100 trabalhadores. O encontro girou em torno da realidade de vida do trabalhador. Por que comemorar esta data com encontro sobre problemas operários e não com festas?

A Diocese comemorou assim, porque o 1º de Maio é um dia de luta para os trabalhadores do mundo inteiro.

Foi neste dia, no ano de 1886, na cidade de Chicago - Estados Unidos, quando os trabalhadores, realizavam em Praça Pública, um comício, em que eles reivindicavam entre outras coisas:

- uma jornada de 8 hs de trabalho,
- proteção ao trabalho da mulher e do menor.

Quando 6 operários já tinham tomado a palavra, a polícia abre fogo sobre o povo e dissolve o comício, prendendo vários líderes, entre eles: Alberto Parsons, Augusto Spies, Samuel Fielden e Miguel Schmab.

Os trabalhadores reagem e marcam nova manifestação. Neste dia, a polícia furiosa, assassinava vários operários. Mesmo assim, no dia 4 organizaram um novo comício e novamente falaram vários líderes. Os chefes operários foram presos e alguns condenados a anos de prisão. Seis deles foram condenados à morte. Na própria prisão, no dia 11 de Novembro de 1887 foram enforcados, Spies, Fischer e Engel, Parsons e Teodoro, enquanto Lingg se suicidava.

Esse crime praticado em Chicago contra os trabalhadores operários, fez com que, 3 anos depois, quando os operários de vários países se reuniram em Paris para um congresso de trabalhadores, decidissem a data de 1º de maio à lembrança dos mártires operários e consagrasssem esse dia, como o DIA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES.

*
*

COMISSÃO DIOCESANA DE JUSTIÇA E PAZ
ENVIA CARTA AOS MINISTROS.

Nova Iguaçu, 27 de março de 1978

Exmo. Sr. Dr. Armando Falcão
DD. Ministro de Estado da Justiça
Brasília

Prezado Senhor Ministro:

A Comissão Diocesana de Justiça e Paz, órgão da Diocese de Nova Iguaçu, no momento em que a Nação se mobiliza num esforço comum, no sentido de lutar em defesa dos Direitos Humanos, não poderia de forma alguma deixar de relatar a V.Excia. alguns fatos que vêm alarmando, em escala crescente, a população da Baixada Fluminense.

A Comissão Diocesana de Justiça e Paz quer se referir, neste momento, ao recrudescimento da criminalidade nesta importante mas sofrida região do País, onde a insegurança de todos, em face do clima de violência, gerado pela repressão policial, vem certamente criando um estado de tensão, apreensão e medo, na maioria das pessoas que aqui vivem e trabalham ordeiramente e que, por esse justo motivo, confiam em que as autoridades responsáveis deste País, no setor da Segurança Pública, possam criar meios para que a convivência social se estabeleça sob o primado da paz e da justiça.

Isto posto, Sr. Ministro, passamos ao relato de alguns fatos, que em nosso modesto entender servirão para instruir sua avaliação sobre os problemas da criminalidade na Baixada Fluminense, não sem antes convocar V.Excia. para que se integre no grupo daqueles que hoje se mostram vivamente interessados em extirpar, de nosso meio, os nichos de violência, criados naturalmente em razão do rebaixamento das condições de vida de milhares e milhares de brasileiros que vivem à margem dos grandes centros urbanos, como neste caso a população da Baixada Fluminense.

Os fatos: de janeiro até agora (março de 1978), foram encontrados mortos na Baixada Fluminense nada menos que noventa e cinco (95) pessoas, sendo que o nonagésimo sexto foi sequestrado na localidade de Queimados, distrito de Nova Iguaçu e encontra-se desaparecido.

Agora algumas considerações sobre as causas e seus efeitos: Disse um pensador latino que a profusão de leis denota igualmente corrupção. Admitindo-se tal enunciado como antiquado, pensamos então que as leis, existentes no Brasil, são para a defesa das ins-

tituições e da moralidade. Foram elaboradas, como devem ser, para assegurar a convivência ordeira entre as instituições e seus diversos componentes - a diversidade das tendências que formam o "to do" Social para, em obediência ao que previamente define a Lei, vi verem em harmonia.

A realidade, entretanto, como sói ocorrer entre a teoria e a prática, mostra diuturnamente, em vez de harmonia, uma crescente brutalidade. Como se a Lei não existisse. Assim, há que se repudiar de início ao que se denomina, como notória leviandade, fato isolado quando, em verdade, esta categoria sociológica não existe. Um espancamento, linchamento ou qualquer outro tipo de violência, praticado no Piauí, insere-se inexoravelmente, nos dias atuais, no mesmo contexto onde ocorrem iguais fatos, seja na Baixada Fluminense, seja em qualquer outra localidade do Brasil. Existem fatos que, em termos proporcionais, ofusciam fatos menores e irradiam / seus reflexos por toda a Nação. Um exemplo: a violência na Baixada Fluminense, mais notadamente em Nova Iguaçu.

Nesses noventa e cinco (95) corpos, um detalhe curioso para os menos avisados, chamaría a atenção. Para outros, acostumados / com tais eventos, representa apenas uma dolorosa rotina: em todos os mortos, além das sevícias - desde a castração até a mutilação de outros órgãos - há indícios de que foram previamente algemados. Não cabem, nas circunstâncias, maiores indagações, mas infelizmente apenas constatar: noventa e cinco mortos, torturados, mutilados e com sinais de algemas; um sequestrado e até hoje desaparecido. Eis os dados para a reflexão.

Sabemos, além do que vemos e vivemos, que a Baixada Fluminense é o repositório da marginalidade econômica do Brasil. Nela podem ser encontrados tanto o acreano como o gaúcho. Premidos pela necessidade de sobrevivência vegetativa, eles afluem aos grandes centros e daí se espalham pelas periferias. E é na Baixada Fluminense, até certo ponto ainda não flagelada pela especulação imobiliária, que se vão fixar os pobres dos outros Estados da Federação. Constróem barracos, abrigam a família e começa a via sacra / diária, viajar e dormir. O trabalho, nesse viajar e dormir, perde o significado.

A remuneração mal dâ para pagar a condução, o aluguel do baraco ou a prestação de uma nesga de terra, onde foi imaginado pelo recém-chegado que um dia poderia construir uma casinha de alvenaria. Essas casas, em quase 95% dos casos, após iniciadas, quase nunca são concluídas. Mas nesses barracos ou meias casa existem / pessoas, gente que respira e, por isso mesmo, precisa alimentar - se. Ocorre então fenômeno generalizado: nem a habitação é concluída nem a alimentação é suficiente. Como consequência, outro fenô-

meno se desencadeia: a esperança da família que chegou à cidade / grande se inverte. Agora é desespero, desalento e revolta , como consequência.

Os fatores apontados, se ocorressem agora, quando se constata o massacre de noventa e cinco (95) pessoas, talvez animassem / os espíritos preocupados a apresentarem a solução na própria Baixada Fluminense. Mas o problema é resultante de um acúmulo de desprezo e descaso por esses párias emigrantes que de há muito existe. Uma estatística otimista aponta a existência de pelo menos dois milhões de pessoas, nesse verdadeiro campo de concentração / não oficial, que é hoje a Baixada Fluminense.

Enquanto os chefes dessas famílias viajam, trabalham e dormem, em suas casa semi-acabadas seus dependentes crescem e, insidiosamente, neles se instalem os germes do desalento, da desesperança, da revolta e, como resultado, da delinquência.

Enquanto se constróem pontes, viadutos, centros de convenções para desfiles de modas e dos últimos inventos tecnológicos etc.,/ os marginalizados, carentes de todos os recursos, queiram ou não, tomam conhecimento dessas benesses e procuram apoderar-se ilegalmente das sobras. Daí a marginalidade, a delinquência, os assaltos.

Urge pois, com cruel realidade, a observação de um grande mestre em problemas criminais: "A colocação de uma luz numa rua escura é suficiente para diminuir os crimes que nela se praticavam" (Carrara).

Na expectativa de qualquer providência concreta sobre este problema comum, subscrevemo-nos

Atenciosamente
Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu.

Obs.: Desta carta foram mandadas cópias para o Exmo. Governador do Estado do Rio de Janeiro; para o Exmo. Sr. Secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro; para outras Comissões Diocesanas de Justiça e Paz para o Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil; para autoridades e para a imprensa.

A HISTÓRIA DO

ZÉ MARMITA

Capítulo 3.

Como vimos no capítulo 2, a turma jovem do bairro tava esquentada e marcaram uma reunião para dali a 15 dias. Os problemas que os jovens enfrentavam eram muitos e resolveram se unir.

Chegado o dia, o pessoal foi aparecendo. Chegou Paulo Marmita e Chiquinho, mais tarde Olavo, Samuel, Valtencir, Pedro Marreta, Luís, Joaquim, enfim, tinha por volta de 25 jovens. Era domingo de tarde e apareceram também alguns um pouco mais velhos, e alguns pais. O boato da reunião se espalhou rapidamente.

Zé Marmita soube da reunião dos jovens quando pela manhã, seu Jorge da venda lhe falou. Zé Marmita pensou, e resolveu ir dar uma olhada prá saber que história era essa.

Quando Zé Marmita chegou na reunião, o papo já ia longe, cada um contava um problema. Uns tinham problemas de emprego por causa do serviço militar, outros porque queriam estudar e o patrão não permitia que saísse mais cedo e aí ele perdia as aulas.

Num dado momento, Pedro Marreta que ainda não tinha falado resolveu falar. Como ele tinha visto que havia adultos, resol - veu contar sua vida, e começou dizendo que o povo brasileiro era composto de jovens que tentavam sobreviver.

Eu, comecei a falar Pedro Marreta, nasci em Olinda, Pernambuco, mas não conheço minha terra pois meus pais vieram tentar sobreviver no sul do Brasil. São Paulo e Rio de Janeiro para o Nordestino, é visto como a terra prometida por causa da propaganda, mas na realidade é bem diferente. Quando eu era criança, minha mãe lavava roupa para ajudar nas despesas. Pagar luz, colégio, roupa, imposto, etc. Meu pai tinha uma biroscaria e trabalhou em muitas coisas para manter a família. Foi foguista na Marinha onde ficou surdo do ouvido esquerdo. Foi estivador no Rio Grande do Norte e em Santos. Trabalhou na construção da Bayer em Belford Roxo e foi também pescador em Pernambuco.

Pedro Marreta continuou dizendo que seu pai adorava a agricultura, amava a terra que ele chamou de mãe terra pois era dela que tirava seu sustento. Mas devido a exploração dos ricos donos de terra ele desistiu da agricultura, pois ele era o tipo do homem que ama a liberdade, pois na liberdade, dizia meu pai, é que se constrói o mundo.

Eu, continuou Pedro Marreta, cresci dentro deste conhecimento. Várias vezes comi banana verde cozida na roça e aqui no Rio era pirão de peixe. Não era preguiça que trazia a miséria prá dentro de casa, porque todos lá trabalhavam. O que traz a miséria eu agora comprehendo, é a desvalorização da mao de obra, é a desvalorização daqueles que são os responsáveis pela riqueza e grandeza, que embora não sendo nossa, tem nossa parte pois é do nosso trabalho que nasce a riqueza.

Eu sempre trabalhei, continuou Pedro Marreta. O trabalho enobrece o homem. Pague um preço justo ao operário pois ele é digno de receber pelo seu trabalho. Essas duas frases eu li e gosto porque gosto de tudo o que diz verdades.

Fui lavrador em Silva Jardim, fui trocador de ônibus, fui vendedor de bugingangas numa tal Campanha dos Secos, fui balconista. Tudo isso eu fui sem carteira assinada. Eu precisava trabalhar mas as firmas não me aceitavam devido a minha idade e por / causa do serviço militar.

Servi o exército mesmo não querendo. O que eu ganhava lá, eu tinha que manter 4 sobrinhos órfãos de pai, uma irmã adoeitada, um irmão doente mental e minha mãe já com idade avançada.

No exército eu tive estafa, o que foi confirmado pelo capitão médico e fui internado no HCE. Fiquei um mes em recuperação.

O que achei engraçado é que é das crianças que depende o futuro, né? Mas quando eu era criança eu me alimentava mal, faltava vitamina. Quando estava no exército me foi cobrado a resistência física,etc. Que contraste, né? Que super contradição.

Quando saí do exército, arranjei os documentos e procurei / trabalho. Andei que só um desgramado. Em todo lugar, lá estava eu. Foi difícil!

Minha casa mostrava bem a situação de uma família brasileira. Muitos me ajudaram, no grupo jovem, os vicentinos, volta e meia / eles mandavam uma comprinha.

Um dia apareceu um homem lá em casa e pediu água. Minha mãe lhe deu água e conversaram um pouco. Ela contou nossa história e começou a chorar. O homem deixou um endereço para que eu fosse procurá-lo. Ele era chefe do departamento de pessoal da Luporine, em Pilares. Trabalhei como servente, ganhando 94 centavos por hora. Tinha que pegar sucata pesada e colocar numa caçamba que era levada ao forno elétrico. Eu tinha horários trocados e não dava para estudar. Me trocaram de seção e me mandaram substituir um

apontador mas ganhando salário de servente. Depois me colocaram como auxiliar de escritório e também com salário baixo e sem classificação na carteira. Agora estou trabalhando como apontador a Cr\$6,00 por hora, no entanto, o salário de servente está a Cr\$5,30 por hora.

O dinheiro que ganho mal dá para a passagem e os gastos necessários, e sou solteiro.

Ganho por dia Cr\$48,00 e por semana Cr\$48,00 X 7 = Cr\$336,00 mais Cr\$55,03 de insalubridade dá Cr\$391,03 cruzeiros por semana. Se descontar o INPS vai dar Cr\$359,90 por semana.

Gasto de condução Cr\$101,05. Meu almoço é um pão e um refresco que sai por Cr\$21,00. Juntando a isso uma carteira de cigarros por dia, no fim de uma semana gasto de cigarros Cr\$61,60. Sobrou aí Cr\$175,80. Se colocar os serviços que presto para a Igreja, vamos dizer Cr\$100,00 de passagem, vou ficar com Cr\$75,80 cruzeiros.

Com Cr\$75,80 meu caro Brasilino, eu Pedro Marreta tenho que tomar café com pão, jantar, vestir, pagar imposto, comprar material escolar, pagar luz, medicamentos e se um dia sobrar alguma / coisa, me divertir.

Zé Marmita queria falar, mas Pedro Marreta disse que não tinha terminado ainda. Além disso, continuou Pedro Marreta, eu que ro fazer um apêlo. Irmão explorador e ganancioso, teu irmão passa fome ao teu lado e parece que você não vê. Não oprime teu irmão pois Deus pede que se reparta o pão.

A firma em que trabalho, continuou Pedro Marreta, ainda não pagou o 13º, e em geral atraça o pagamento. Quando recebo o PIS é prá pagar agiota. Ainda assim tem gente que tem o descaramento de dizer que eu não estudo porque não quero, que não conserto a casa porque não quero, que gosto de andar mal vestido, etc. Ainda bem que tem outros que me ajudam como uma senhora perto de onde moro e os jovens do apostolado. Pedro Marreta continuou dizendo que a paz só se consegue com o bem, Bem comum, Bem de todos.

Neste momento Zé Marmita, que estava já doido prá falar, pediu licença a Pedro Marreta e começou a falar.

No próximo número, veremos mais um capítulo:
A FALAÇÃO DE ZÉ MARMITA.

Aguardem!

===== NOTÍCIAS =====



VIA SACRA EM VOLTA REDONDA : As comunidades da cidade de Volta Redonda reuniram-se, na Sexta-feira Santa p.p., no Estádio Raulino de Oliveira. Exatamente às 15,00 hs, um surdo com quatro pancadas bem ritmadas, deu o sinal da entrada da grande cruz que seria plantada no centro do Estádio, depois de percorrer as 14 estações da Via Sacra. A essa altura, já umas 20 mil pessoas apiñavam o Estádio e a grande cruz, de 7 metros de altura por 4 metros de braços, carregada por 45 representantes das profissões, entrava no gramado.

Cada Estação era representada por 45 pessoas de cada uma das 39 comunidades de Volta Redonda. Nas Estações, um comentador e um leitor colocaram o mistério bíblico e o Bispo, Dom Waldyr, o transpos para a nossa realidade, mostrando o sofrimento de Cristo, repetido hoje, no nosso irmão-operário.

A 14^a Estação levou a cruz até o centro do gramado, onde foi elevada, e, enquanto se lembrava a Ressurreição do Senhor - garantia de nossa esperança - um grupo de crianças todas em azul e branco, corriam pelo campo até a cruz, formando um círculo em torno dela. Aplausos e lenços brancos acenando em todo o Estádio traziam à celebração o sentido da alegria pascal. Foi emocionante!

&&&&&&&&



O Secretariado Diocesano de Pastoral, fará realizar no próximo dia 13 de maio, das 14 às 17hs no CEPAC - Rua Capitão Chaves, 60, um Encontro com todos os responsáveis pelos grupos de Evangelização de Adultos da Região I.

&&&&&&&



Realizou-se no dia 16 de abril passado, o 11º Encontro de representantes jovens da 1^a Região. O Encontro foi muito / proveitoso.

&&&&&&&



Em Assembléia do Regional Sul-I da CNBB, o teólogo Frei Gilberto Gorgulho, fez uma crítica ao documento inicial da 3^a Reunião do CELAM (Conferência Episcopal Latino-Americana). Disse o teólogo que "A base da proposta de evangelização desse documento, levará a Igreja a se comprometer não do lado dos pobres, dos primidos, mas fará dela uma servidora de um sistema econômico-capitalista injusto que mantém a população latino-americana em situação cada vez mais pobre". (J.B. 5/04/78).

&&&&&&&

 No domingo, 9 de abril, todas as paróquias da Diocese de Nova Iguaçu, tomaram conhecimento, através de um comunicado das últimas ameaças feitas ao nosso Bispo D. Adriano Hypólio. O documento salientou entre outras, que as ameaças fazem parte "de um plano arquitetado por quem perdeu o sentido de justiça social e que não comprehende o esforço da Igreja para conseguir a paz".

&&&&&&&&

 Os bispos do Regional Leste-1 da CNBB (Estado do Rio) divulgaram uma nota de protesto contra as ameaças feitas à D. Adriano, na qual afirmam que "as ameaças a ele dirigidas são ofensas e ameaças a Igreja toda". Segundo o Cardeal D. Eugênio / Sales, "as ameaças só estão sendo feitas porque ainda não foram descobertos nem punidos os autores do sequestro de D. Adriano ocorrido em 22 de Setembro de 1976". (J.B. 08/04).

&&&&&&&&

 A propósito das últimas ameaças feitas à D. Adriano, D. Mauro Morelle em Itaici, quando da realização da Assembleia Regional Paulista da CNBB, que "acredito na segurança do país e seu futuro, quando a todos os cidadãos for assegurado o direito de viver e poder participar".

&&&&&&&

 Por terem participado do I Congresso de Mulher Metalúrgica, diversas operárias da Grande São Paulo foram demitidas ou receberam suspensões. As operárias foram ao Sindicato colocar a situação que acabou se tornando denúncia contra as fábricas em diversos jornais do país. A Arbet, a Metagal, a Polimatic e a Blindex foram algumas das empresas que demitiram trabalhadoras. (Assuntos - Abril 78).

&&&&&&&

 Realizou-se no dia 21 de abril, no Centro de Formação - Moquetá, o 1º Encontro de Ministros da Eucaristia. Estiveram presentes 165 pessoas, de várias paróquias da Diocese.

&&&&&&&

AGENDA - MAIO 1978

<u>DATA:</u>	<u>ATIVIDADES:</u>	<u>HORA:</u>	<u>LOCAL:</u>
01	Encontro de operários	14 às 17 hs.	C. de Formação
02	Reunião do Clero	9 às 13 hs.	C. de Formação
02	Informativo		
02,09,16,23, 30	Catequese de Perseverança (Curso)	14 às 17 hs.	Lote XV
	Missões e Vocações	14 às 17 hs.	Cepac
03	Missões e Vocações: experiente	14 às 17 hs.	Cepac
04,11,18,25	Catequese de Perseverança (Curso)	14 às 17 hs.	Cepac
04,11,18,25	Catequese - Curso permanente	14 às 17 hs.	Cepac
04	Catequese- Encontro de coordenadoras da 4 ^a Região	15 às 17 hs.	Ig.Cabuís
05,06,07	49º Cursilho de Homens		Nosso Lar
06	Cursilhos - Escola	16 às 18 hs.	B. Roxo
10	Missões e Vocações: experiente	14 às 17 hs.	Cepac
10	Cursilhos: Reunião do Secretariado	23,30 hs.	Catedral
13	Cursilhos: Escolas	16 às 18 hs.	B. Roxo
13	Evangelização: Encontro de adultos da 1 ^a Região	14 às 18 hs.	Cepac
13	Instituto Jovem	14 horas	Cepac
14	PENTECOSTES		
16	Missões e Vocações: reunião da Comissão	14 às 17 hs.	Cepac
17	Missões e Vocações: experiente	14 às 17 hs.	Cepac

<u>DATA:</u>	<u>ATIVIDADE:</u>	<u>HORA:</u>	<u>LOCAL:</u>
17	Reunião do Informativo	09 às 12 hs.	Cepac
18,19,20,21	38º Cursilho de Mulheres		N. Lar
20	Cursilhos: Escola	16 às 18 hs.	Catedral e B. Roxo
20	Instituto de Jovens	14 horas	Cepac
21	Missões e Vocações: Encontro para interessados	08 às 12 hs.	C. de Formação
24	Missões e Vocações: expediente	14 às 17 hs.	Cepac
24	Cursilhos: Reunião do Secretariado	20.30 hs.	Catedral
25	CORPUS CHRISTI		
26,27 e 28	Encontro de casais		S. Sebastião
27	Missões e Vocações: núcleo vocacional	08 às 12 hs.	Cepac
27	Instituto de Jovens	14 horas	Cepac
27	Cursilho - Escolas	16 às 18 hs.	Catedral e B. Roxo

- VROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LI

MARIA, A MÃE DE JESUS, Carlos Mesters, Ed. Vozes Ltda. 1977, pág. 118
(Cr\$ 14,00)

A história do Brasil parece um imenso andor de Nossa Senhora, carregado pelo povo humilde, através dos tempos...

Este livro, escrito em estilo simples e popular, retrata a história de Maria que nada mais é do que a imagem da história do povo humilde. É uma história que ainda não terminou. Continua, até hoje, nas pequenas e grandes histórias deste povo, que anda escondido debaixo do andor, rezando sem parar a Ave-Maria.

ABRAÃO E SARA, Carlos Mesters, Ed. Vozes Ltda. 1978, pág. 130
(Cr\$ 15,00)

Como Severino e Zefa que chegaram da Paraíba aqui na Baixada à procura de uma vida melhor, como Génésio e Rosa que saíram do interior de Goiás em busca de sua terra prometida, assim se repete a história de Abraão e Sara em milhões de famílias de sangue brasileiro. Mudam os nomes, mas a história da vida não muda: os mesmos problemas, as mesmas frustrações e angústias, os mesmos anseios e esperanças na busca sem fim de uma terra de promissão onde encontrar menos pobreza e sofrimento, mais justiça, paz e prosperidade.

\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$\$

Edição Popular da História da Igreja - Brochuras de Cr\$3,00 cada, editadas pela Editora Vozes Ltda. - 1978.

(Folhetos de feira - Literatura de cordel)
"A HISTÓRIA DE SÃO SEBASTIÃO E O IMPERADOR DIOCLECIANO"

"...Acredito também que uma edição dessa natureza, por estar ao alcance dos mais pobres, será consumida rapidamente pelos grupos-de-reflexão e comunidade de base carentes de leitura religiosa a eles adaptadas" (Dom José Maria Pires-Arcebispo de João Pessoa, PB)
"SÃO JORGE E O DRAGÃO"

"...Se São Jorge é da cavalaria, deve ser muito cavalheiro. Deve tomar a defesa dos fracos e dos oprimidos. Deve lutar com sua espada brilhante, ao lado dos pequenos, contra o Dragão Opressor / dos nossos dias" (Dom Marcelo Pinto Carvalheira - Bispo Auxiliar da Paraíba).

"O PEREGRINO DE DEUS" - (Pe. Malagrida)

"Queremos dar os parabéns à Editora Vozes, ao buscar encontrar de novo o caminho para o povo, oferecendo-lhe leitura que impõe se presente dando-lhe fortaleza e esperança".

(Dom Pedro Paulo Koop- Bispo de Lins, SP).